

Estudante é
morta na escola
PÁGINA 24

CIDADE

BRASÍLIA, DISTRITO FEDERAL, DOMINGO, 10 DE ABRIL DE 1994

Brasília, exemplo de luta política

População se mobiliza e participa ativamente das manifestações e campanhas contra os abusos do poder

LUCIANA MARIZ

Os brasilienses não perdem em nível de consciência política e poder de reivindicação para os moradores das outras capitais brasileiras. A opinião é defendida por lideranças sindicais, estudantis e pessoas da cidade que tiveram uma participação ativa no movimento estudantil das décadas de 60 e 70. Eles citam, por exemplo, as reações à ditadura militar dos estudantes da Universidade de Brasília (UnB) e, em dois outros momentos históricos, a presença da população nas ruas, em grandes manifestações, pela campanha das Diretas-já e para exigir o impeachment do presidente Collor.

“Em nenhum momento a população brasiliense se mostrou apática. Pelo contrário, se manifesta sempre de maneira consciente progressista”, ressalta Davi Emerich, um dos sete alunos expulsos da UnB em 1976, entre tantos outros, por motivos políticos. Ele relembra as grandes passeatas e assembléias promovidas pelos estudantes nessa época e ressalta que elas tinham um caráter antiditadura e pela liberdade. “Era momento de grande repressão, com sindicatos e imprensa controlados, e os estudantes representavam o único segmento social que se expressava politicamente”, recorda.

Resistência — Entre os estudantes expulsos da universidade em 1976, também estava Walter Peni-

nha, hoje membro da diretoria do Sindicato dos Professores do Distrito Federal. Ele chegou a ser preso e torturado em São Paulo. Peninha ressalta que os estudantes de Brasília tiveram um relevante papel na luta pelo fim da ditadura militar e que de lá para cá outros segmentos, como o sindical, vêm amadurecendo e hoje a população tem um grande poder de reivindicação. “Não tenho notícia de nenhuma ação nacional de que Brasília não tenha participado no mesmo nível que outras capitais”, diz. Ele ressalta, ainda, que os melhores salários de professores e médicos, “embora ainda não sejam satisfatórios”, são os do Distrito Federal, “comprovando a nossa capacidade de luta”.

“Durante a ditadura, a UnB era uma caixa de ressonância, pois o que se fazia ali tinha repercussão no País inteiro”, diz Maria José da Conceição, a Maninha, presidente do Sindicato dos Médicos do DF. Ela foi contemporânea na universidade do ex-líder do movimento estudantil dos anos 60 na UnB, Honestino Guimarães. Ele foi presidente da União Nacional dos Estudantes (UNE) e desapareceu após ser preso, em outubro de 1973. “A UnB foi invadida pela polícia em 64 e 77 porque era um centro formador de opinião e de lá para cá Brasília tem se firmado como uma cidade de pensamento crítico”, diz Maninha. Ela ressalta que o DF tem um movimento sindical forte e abriga grandes ma-

nifestações populares que resultam em conquistas para toda a população.

Manifestações — Na opinião do deputado Augusto Carvalho (PPS/DF), que também participou do movimento estudantil na década de 70 e foi presidente do Sindicato dos Bancários do DF no início dos anos 80, as manifestações populares de Brasília são das mais expressivas do País. “Os brasilienses vêm marcando presença nas lutas em defesa dos interesses da sociedade”, afirma. Ele lembra, entre outras, a manifestação contra o Plano Cruzado II, em 1986, que ficou conhecida como o Badernaço. “Infelizmente houve muita violência, mas foi a primeira reação a esse plano que, entre outras coisas, acabou com o congelamento de preços dois dias após as eleições”, diz.

As manifestações realizadas na rampa do Congresso Nacional na época da campanha das Diretas-Já e pelo impeachment do presidente Collor, especialmente nos dias de votações, também são citadas como grandes exemplos do poder de mobilização popular no DF. Mas são muitas as manifestações guardadas na memória dos brasilienses, como as que pediam a convocação da Assembleia Nacional Constituinte, e, mais recentemente, aquelas pela punição dos corruptos do Orçamento da União e as contrárias à revisão constitucional e ao Plano FHC.

Fotos: Arquivo



Diante do Congresso Nacional, os jovens conseguiram chamar a atenção com protestos humorados



Manifestações contra o ex-presidente Collor, em Brasília, repercutiram e ajudaram o impeachment

Caras-pintadas demonstram força

Os estudantes que, em 1992, marcaram presença nas manifestações pelo impeachment do então presidente Collor, com as caras pintadas de batom e tinta guache, trouxeram uma nova força ao movimento estudantil. “Durante o processo de impeachment, houve em Brasília, como em outras capitais brasileiras, mobilizações gigantescas de estudantes que tiveram continuidade depois”, diz Ednete Bezerra, que faz parte da diretoria da UNE e está respondendo pela entidade em nível regional.

Entre as mobilizações ocorridas após o afastamento de Collor, Ednete Bezerra lembra greve geral dos estudantes do dia 4 de maio de 1993, contra o aumento das mensalidades escolares. “Nesse dia quase todas as escolas do DF pararam”,

diz. Ela ressalta que as lutas estudantis em Brasília não “ficam a dever às de outras capitais do País”, como foi comprovado também durante o processo de impeachment.

Os caras-pintadas surgiram com mais força em agosto de 1992, quando o presidente Collor convocou a população para ir às ruas, no dia 16, vestindo verde e amarelo. No entanto, o que se viu nesse dia foram pessoas com o negro do luto concentradas em pontos estratégicos das grandes cidades do País. Em Brasília uma carreta de 15 mil automóveis tomou a Esplanada dos Ministérios.

Aos poucos a população tomou as cores da bandeira para si e várias outras manifestações foram organizadas. No dia em que os membros da CPI do PC votaram o relatório

do senador Amir Lando, por exemplo, cerca de 60 mil pessoas estiveram em frente ao Congresso Nacional para pressionar os parlamentares. A grande maioria era de estudantes que traziam nos restos pinturas com palavras de ordem como, por exemplo, fora Collor.

“Os estudantes deram uma contribuição valiosíssima para que o impeachment acontecesse e os caras-pintadas de Brasília não deixaram a desejar em relação aos dos grandes centros como o do Rio e São Paulo”, reforça o presidente da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) — Seção DF, Esdras Dantas. Ele é um dos que compartilham da opinião de que no Distrito Federal, a população tem um grande poder de mobilização na luta pelos seus direitos.

Já que estão batendo em Brasília,



vamos lembrar das nossas lutas:

Além de muito jovem, Brasília possui uma população altamente politizada, que participa dos fatos mais importantes da política nacional e reivindica seus direitos políticos e sociais. Tudo dentro da ordem e dos mais claros princípios democráticos. E isso está na própria índole da cidade, desde o início com movimentos estudantis na época da repressão e continua nos tempos de hoje, com a demonstração de civilidade dos nossos “caras pintadas”. Quem quer deixar Brasília com um nó na garganta, não conhece a força do seu grito.